
CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTA AMÉLIA – UNISECAL

STEFHANI ROMANHUK DA SILVA

“CONQUISTARAM CASTELNUOVO”

A batalha narrada pelos correspondentes da FEB

STEFHANI ROMANHUK DA SILVA

“CONQUISTARAM CASTELNUOVO”

A batalha narrada pelos correspondentes da FEB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário Santa Amélia (UniSecal).
Orientador: Prof. Dr. Helton Costa

PONTA GROSSA

2020

STEFHANI ROMANHUK DA SILVA

“CONQUISTARAM CASTELNUOVO”

A batalha narrada pelos correspondentes da FEB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do Grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário Santa Amélia (UniSecal).
Orientador: Prof. Dr. Helton Costa

Banca Examinadora:

Prof. Orientador
Centro Universitário Santa Amélia - UniSecal.

Prof. Componente da Banca
Centro Universitário Santa Amélia - UniSecal.

Prof. Componente da Banca

Ponta Grossa, 25 de novembro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Gratidão, primeiramente, a Deus, meu alicerce, por plantar propósitos e regar sonhos dentro do meu coração e por me conduzir nessa jornada, dando-me força, coragem, determinação e sabedoria.

Agradeço aos meus pais pelo suporte financeiro ao longo da faculdade e a minha família, como um todo, pelas palavras de encorajamento. Gratidão aos meus amigos pelo apoio fundamental em todas as fases desse processo.

Aos meus mestres, que com seus conhecimentos e experiências, contribuíram de forma excepcional para minha formação e me proporcionaram toda a construção de conhecimento que possuo, muito obrigada por cada ensinamento compartilhado.

Voltarei? Lembro-me das palavras de Assis Chateaubriand, meu patrão, quando dele fui me despedir, já devidamente fardado: “Seu Silveira, me faça um favor de ordem pessoal. Vá para a guerra, mas não morra. Repórter não é para morrer, é para mandar notícias”.

Joel Silveira

RESUMO

Este presente trabalho analisa como Egydio Squeff, Henry Bagley, Joel Silveira e Raul Brandão, correspondentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB), noticiaram a conquista de Castelnuovo di Vergato, ocorrida entre os dias 5 e 6 de março de 1945, na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial. As reportagens serão analisadas a partir do conteúdo, dividido em quatro categorias: pré-ataque, ataque, pós-ataque e protagonismo. O propósito é verificar a ênfase e recorte dado em cada texto, de acordo com a percepção do jornalista para esse acontecimento.

Palavras-chave: Correspondentes da FEB; jornalismo; Força Expedicionária Brasileira; Segunda Guerra Mundial

ABSTRACT

This present work analyzes how Egydio Squeff, Henry Bagley, Joel Silveira and Raul Brandão, correspondents of the Brazilian Expeditionary Force (BEF), reported the conquest of Castelnuovo di Vergato, which took place between March 5th and 6th, 1945, in Italy, during Second World War. The reports will be analyzed from the content, divided into four categories: pre-attack, attack, post-attack and protagonism. The purpose is to verify the emphasis and cutting given in each text, according to the journalist's perception of this event.

Key words: Correspondents of BEF; Journalism; Brazilian Expeditionary Force; Second World War

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	11
2.1 CAUSAS.....	11
2.2 FASES.....	12
2.3 MARCAS	13
3 O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	14
3.1 FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA	15
3.2 CASTELNUOVO	17
4 CORRESPONDENTES DE GUERRA	19
4.1 CORRESPONDENTES DA FEB.....	24
4.1.1 Correspondentes autores dos textos publicados	26
5 METODOLOGIA	27
6 ANÁLISE DE CONTEÚDO	28
6.1 PRÉ-ATAQUE	28
6.2 ATAQUE.....	29
6.3 PÓS-ATAQUE.....	30
6.4 PROTAGONISMO.....	31
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	37

1. INTRODUÇÃO

Por nenhum outro conflito passaram tantos jornalistas como na Segunda Guerra Mundial. Não poderia ser diferente, levando em consideração suas dimensões e alcance (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 39). A partir disso, muitos conteúdos foram escritos, narrados e divulgados pelos correspondentes que estavam no *front* e que, dessa forma, narraram a história de forma factual, sendo as testemunhas oculares das nações envolvidas.

Ainda hoje, depois de décadas, há um interesse contínuo em saber detalhes desse acontecimento crucial para humanidade. Continuadamente, são produzidos conteúdos jornalísticos, cinematográficos, literários, entre outros, para que a memória seja fixada e crie-se a consciência do que foram aqueles dias sombrios vividos, para que a história não se repita.

A partir do interesse e curiosidade em saber quem foram aqueles que lutaram e representaram a nação brasileira em um dos conflitos mais marcantes da história, surge a necessidade de pesquisar quem narrou, documentou e registrou esse acontecimento: os correspondentes da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Neste artigo, como ponto de partida, aborda-se o trabalho jornalístico de quatro correspondentes da FEB: Egydio Squeff, Henry Bagley, Joel Silveira e Raul Brandão, com o intuito de saber como os mesmos trataram a batalha de Castelnuovo, uma das sete operações que os expedicionários realizaram na guerra, sendo considerada a melhor em valor estratégico, dada à precisão de planejamento e a fidelidade da execução.

A partir do conhecimento do combate, o objetivo geral neste trabalho é evidenciar como os correspondentes documentaram a conquista da cidade de Castelnuovo di Vergato. Os objetivos específicos são: selecionar as reportagens escritas e publicadas logo após ao acontecimento, observar em quais jornais foram publicadas, verificar as diferenças na construção textual e de recorte, além de saber a visão do jornalista sob o aspecto da batalha em si.

Procura-se alcançar esse objetivo através dos quatro textos publicados sobre a vitória e assinados por cada correspondente, extraídos de quatro jornais impressos diferentes: Correio da Manhã (Raul Brandão), Diário Carioca (Henry Bagley), O Cruzeiro do Sul (Joel Silveira) e O Globo (Egydio Squeff). Os três primeiros estão disponíveis no acervo digital da Biblioteca Nacional e o último obtido por meio do

acervo pessoal do Prof. Dr. Helton Costa, retirado do arquivo digital do próprio jornal “O Globo”. O período das matérias publicadas são de 8 a 11 de março de 1945.

A metodologia utilizada separa os textos em quatro categorias: pré-ataque, ataque, pós-ataque e protagonismo dado em cada texto. Como a temática é histórica, foi necessário fazer pesquisa bibliográfica em artigos científicos para ambientação e contextualização dos assuntos trabalhados, como também a consulta literária com essa abordagem.

Entre os livros consultados estão *A FEB pelo seu comandante*, escrito por João Batista Mascarenhas de Moraes; *Irmãos de Arma: um pelotão da FEB na II Guerra Mundial*, por José Gonçalves e César Campiani Maximiano; *6º R.I. Expedicionário*, de Capitão Antorildo Silveira; *Crônicas de Sangue: Jornalistas brasileiros na II Guerra Mundial*, por Helton Costa e *Correspondentes de Guerra: os perigos da profissão que se tornou alvo de terroristas e exércitos*, de Diogo Schelp e André Liohn.

A presente pesquisa terá como primeiro capítulo o regaste histórico da Segunda Guerra Mundial, apontando suas causas, fases e suas marcas. Após, será feito um breve contexto do Brasil no pré-guerra e depois contar-se-á a entrada efetiva no conflito, dando ênfase a Batalha de Castelnuovo.

Em seguida, será abordada e conceituada a profissão de correspondente de guerra e como foi organizado o envio dos correspondentes da FEB à Itália, juntamente ao exército. Por fim, far-se-á o estudo de caso, com as análises dos textos e versões anteriormente citadas.

A expectativa deste trabalho é poder explicar a memória da FEB e o trabalho dos correspondentes de guerra, através dos textos jornalísticos publicados pelos mesmos. Dessa forma, busca-se ampliar a reflexão sobre a cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial e sua importância, principalmente para o Brasil.

2. A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Durante os 2.174 dias de guerra, do seu início em 1º de setembro de 1939, com o ataque da Alemanha a Polônia ao seu término oficial em 2 de setembro de 1945, com a rendição do Japão (GILBERT, 2009, p.7), mais de 60 milhões de pessoas, civis e militares, morreram no conflito mais letal da história da humanidade. A guerra teve a participação de 72 nações, incluindo o Brasil.

2.1 CAUSAS

As inquietações começaram a partir do descontentamento da Alemanha com os resquícios da derrota na Primeira Guerra Mundial, que aconteceu no período de 1914 a 1918. Sendo intitulada de culpada e responsabilizada pela guerra, a Alemanha teve que assinar o Tratado de Versailles em 1919, o qual fez o país pagar grandes indenizações, perder 13% do seu território e 6 milhões em população (DIEHL, 1996, p.30). Nesse mesmo ano, foi criado o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, liderado por Adolf Hitler.

Em decorrência ao tratado, a Alemanha começou a sofrer com uma crise econômica e política grave, despertando sentimento de revolta e injustiça ao povo alemão. Dez anos mais tarde, com a Crise de 1929, a situação ficou mais decadente ainda, gerando até mesmo escassez de alimentos no país.

A crise alemã acompanhava o movimento da crise geral capitalista desde a queda da Bolsa de Nova York, em outubro de 1929. A recuperação alemã do pós-guerra estivera montada sobre os maciços investimentos norte-americanos e ingleses e sobre uma economia de exportação; com a crise, os capitalistas externos refluíram, as exportações cederam e as importações industriais tornaram-se proibitivas. A crise avançou e, em 1932, os desempregados atingem o número de 6 milhões – quase um terço do total de trabalhadores. Esse quadro social é suficiente para demonstrar a perda relativa do papel político que os sindicatos desempenhavam na cena política e da dificuldade que as esquerdas encontravam para enfrentar as forças nazistas em ascensão (LENHARO, 1986, p. 25).

Com isso, a busca por uma solução desses problemas e por uma revanche, associada a disseminação do totalitarismo na Europa, culminou com os nazistas assumindo o poder na Alemanha em 1933. A partir disso, o governo procurou estabilizar a economia e reestruturar o exército, e então, começar a expansão territorial. Para compreensão do regime totalitário, Arendt define como:

Os regimes totalitários são organizações maciças de indivíduos atomizados e isolados. Distinguem-se dos outros partidos e movimentos pela exigência de lealdade total, irrestrita, incondicional e inalterável de cada membro individual (ARENDDT, 1998, p. 373).

Em 1936, a Alemanha e a Itália, que tinham sistemas políticos e econômicos semelhantes, fizeram uma aliança, na qual assinaram um termo de colaboração e formaram o Eixo Berlim-Roma. Além da Itália e no mesmo ano, a Alemanha assinou tratados com o Japão e com a Espanha, com objetivo de reprimir a expansão da União Soviética (HOBSBAWM, 1995, p.119).

Já em 1938, a Alemanha fez a unificação da Áustria, nação historicamente de cultura e língua alemã, e depois anexou parte da antiga Tchecoslováquia para realizar uma das ideologias nazista, a teoria do “Espaço Vital”. A partir dessa mesma teoria, Hitler invadiu a Polônia, em setembro de 1939, para recuperar parte do território da cidade de Danzig. Logo após esse acontecimento, Reino Unido e França declararam guerra à Alemanha, e assim começou, oficialmente, a Segunda Guerra Mundial.

A partir de então, em 1940, formou-se o Eixo, pacto entre Alemanha, Japão e Itália que formavam contra-ataque aos Aliados, oposição ao Eixo, formado por diversos países, os quais as principais forças eram Reino Unido, França, EUA e URSS.

2.2 FASES

Ao longo dos seis anos de conflito, a proporção da guerra se alastrou de tal forma que foi considerada uma “guerra total”. Como o autor Vágner Camilo Alves descreve:

A Segunda Guerra Mundial foi provavelmente a primeira, e espera-se a última, guerra total e global travada. A partir do momento em que todas as grandes potências se envolveram, a guerra atingiu todos os rincões do planeta e arrastou como um furacão todos os Estados soberanos então existentes (ALVES 2002, p. 24).

A guerra pode ser dividida em três momentos: a primeira fase, entre 1939 a 1941, foi considerado o momento de supremacia do Eixo. Os nazistas, através da *blitzkrieg*, conquistaram diversos territórios. Já os japoneses, na Ásia, tomaram diversos territórios que eram colônias britânicas, francesas e holandesas. Também, os japoneses atacaram *Pearl Harbor*, com grande prejuízo à base naval estadunidense (HOBSBAWM, 1994, p.39).

A segunda fase, de 1942 a 1943, os aliados conseguiram recuperar forças e se equilibrar no conflito. Duas batalhas foram importantes nessa fase e que fizeram o Eixo declinar. A Batalha de Stalingrado, na qual os soviéticos barraram os alemães (HOBSBAWM, 1994, p.38) e a Batalha de *Midway*, em qual os japoneses foram derrotados e perderam parte do poder de guerra (COGGIOLA, 2015, p. 60).

A terceira fase, entre 1944 a 1945, é a fase de decadência do Eixo e a sua derrota. A Operação *Overlord* aconteceu, o Dia D. A Itália foi invadida. Aliados cercaram o exército nazista e invadiram o território alemão. Hitler diante da derrota se suicida. Os japoneses estavam sendo constantemente atacados pelos EUA. No entanto, a resistência japonesa diante aos ataques e a rendição, culminou na explosão de duas bombas atômicas no país oriental e à sua rendição, terminado assim a guerra (COGGIOLA, 2015, p. 141-150).

2.3 MARCAS

A 2ª Guerra Mundial é um dos acontecimentos mais importantes da história da humanidade. Foi o maior conflito bélico, o mais letal e o maior de ponto de vista geográfico. Como consequência, deixou marcas e gerou grandes transformações no mundo pós-guerra (HOBSBAWM, 1994, p. 141-142).

Na letalidade do conflito, ressalta-se que somente no período do Holocausto, foram cerca de seis milhões de vidas perdidas, majoritariamente judeus. Isso devido a perseguição de Hitler a minorias, desde que assumiu o poder da Alemanha em 1933 (COGGIOLA, 2015, p. 89-133).

No mundo pós-guerra, a Alemanha, Itália e Japão deixaram de ser grandes potências. Os Estados Unidos se tornaram mais fortes depois da guerra e a União Soviética se tornava uma superpotência. O que mais tarde, resultou na Guerra Fria entre os EUA e a URSS e o surgimento do Plano Marshall (HOBSBAWM, 1994, p. 178-189).

Também foi realizada a Conferência de São Francisco nos EUA, em 1945, na qual criaram Organização das Nações unidas (ONU), substituindo a Liga das Nações. Na ocasião, encontravam-se muitos líderes mundiais, que tinham a preocupação de novos conflitos surgirem. A ONU possui 193 países membros e, até os dias de hoje, é responsável pela mediação de conflitos internacionais e por garantir paz as nações (COGGIOLA, 2015, p. 222-223).

3. O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

O Brasil era governado por Getúlio Vargas desde 1930, presidente com tendências nacionalistas e simpatizante com as ideologias totalitárias da Alemanha e Itália. No ano de 1937, declarou uma nova constituição e implantou no país o Estado Novo, vigente até 1945¹.

De primeiro momento, quando a guerra se iniciou na Europa, o presidente declarou neutralidade no conflito. No entanto, mantinha relações comerciais com as duas potências oponentes da guerra, na qual foi considerado um pêndulo que procurava tirar proveito das relações comerciais com os Estados Unidos e com a Alemanha ao mesmo tempo.

A situação começou a mudar, quando os Estados Unidos, através da busca pela proteção do continente americano, realizaram uma reunião em Havana, Cuba, com líderes de governo, em julho de 1940. Nessa reunião, foi proposto um acordo de proteção aos países americanos, o qual o Brasil assinou, mesmo mantendo neutralidade. Como relata João Baptista Mascarenhas de Moraes em seu livro *Memórias*:

Decorreu desse conclave a deliberação “de que todo atentado de Estado não americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território, contra a soberania ou independência política de um Estado americano será considerado como ato de agressão contra os estados que firmam esta declaração” (MORAES, 2005, p. 23).

O contexto mudou por completo para o Brasil, quando em 7 de dezembro de 1941, a base naval de *Pearl Harbor*, foi atacada pelo Serviço Aéreo Imperial da Marinha Japonesa. Dessa forma, para respeitar o acordo firmado em Havana, o Brasil declarou apoio aos Estados Unidos e rompeu suas relações com o Eixo (COSTA, 2019, p. 6).

Em seguida, como resposta, o Eixo afundou navios mercantes brasileiros. Só no período de 72h, em agosto de 1942, cinco embarcações foram atacadas por um submarino alemão. Esses ataques geraram maior número de mortes do que a Campanha da FEB inteira. Ao todo, foram 34 navios atacados por submarinos alemães e italianos, 32 afundaram, resultando na morte de 972 pessoas (COSTA, 2012, p.13).

¹ Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/getulio-dornelles-vargas>>. Acesso em: 14 de setembro de 2020.

No entanto, o Brasil ainda teve com vantagem assumindo posicionamento Aliado. Ele garantiu recursos para modernizar a força brasileira e assegurou receitas financeiras para a construção da Usina Siderúrgica na cidade de Volta Redonda (RJ). Além de novos acordos comerciais com os estadunidenses, o Brasil emprestou bases militares instaladas no Nordeste, como ponto geográfico estratégico e de quebra garantiu o reaparelhamento e modernização do Exército nacional (OLIVEIRA, 2015).

Em fevereiro de 1943, durante uma visita do então presidente dos Estados Unidos Franklin Delano Roosevelt à base de Natal (RN), Getúlio Vargas propõe a participação efetiva do Brasil na guerra, na frente de batalha. A partir disso, em agosto de 1943 é criada oficialmente a Força Expedicionária Brasileira (FEB), através da Portaria Ministerial nº 4744. Na mesma oportunidade, o ministro de guerra do Brasil, Eurico Gaspar Dutra, convidou João Batista Mascarenhas de Moraes, o então general Mascarenhas de Moraes para comandar a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) (OLIVEIRA, 2015).

3.1 FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

O Brasil não estava preparado para mandar os soldados e entre a criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e o envio do primeiro contingente passou-se um ano. Os primeiros cinco mil brasileiros embarcaram para a guerra apenas em julho de 1944. A expectativa, no início era mandar em torno de 100 mil homens. No entanto, o exército não disponibilizava de tamanho número, visto que era necessário treinar e qualificar os futuros combatentes, acostumados com a vida civil, para viver em um ambiente hostil de guerra.

O desafio para reunir o contingente militar não foi uma tarefa fácil, mas ao todo, formando uma única divisão, foram 25.334 homens que representaram o Brasil na força Aliada (MAXIMIANO, 2010, p.38), os quais foram enviados divididos em cinco escalões para a Europa. Dentro desse número, havia quatro generais e 1.535 oficiais, já pertencentes a força. Além deles, compuseram o contingente, mais três oficiais da Força Aérea Brasileira (FAB), 15 oficiais da ativa e da reserva indicados para a Justiça Militar da FEB, 25 capelães militares, 28 funcionários do Banco do Brasil e 67 enfermeiras².

² Disponível em: http://www.eb.mil.br/exercito-brasileiro?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=/asset_publisher/view_content&_101_assetEntryId=1556825&_101_type=content&_101_urlTitle=o-

A estrutura da FEB foi formada de acordo com o modelo do exército americano, constituída pela 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) da seguinte forma: três regimentos de infantaria (RI), sendo o 1º RI, 6º RI e 11º RI; uma artilharia divisionária, composta de quatro grupos de artilharia; uma esquadrilha de aviação destinada à ligação e à observação; um batalhão de engenharia (9º BE); um batalhão de saúde; um esquadrão de reconhecimento motomecanizado (cavalaria); Tropas especiais e Corpos Auxiliares (RODRIGUES, 2019, p. 42).

Depois que o 1º escalão foi definido e preparado, embarcaram em um navio rumo a Europa, no dia primeiro de julho de 1944. Poucos sabiam o real destino, que ao longo de duas semanas em alto mar finalmente descobririam que pisariam e lutariam em solo italiano (COSTA, 2012, p.14). E quando chegassem lá, seriam incorporados ao exército americano (RODRIGUES, 2019, p. 44).

O 2º e 3º escalão chegaram na Europa no mês de setembro, o 4º escalão embarcou em novembro e o 5º escalão foi apenas em fevereiro de 1945. Já os médicos e enfermeiras foram transportados por aviões da Força Aérea Brasileira (FAB), em outubro de 1944 (RODRIGUES, 2019, p. 44).

A missão dos combatentes brasileiros aconteceu no norte da Itália, região formada por montes e elevadas altitudes. O objetivo era auxiliar o exército americano e britânico a ultrapassar a Linha Gótica, a qual formava uma importante linha defensiva alemã (RODRIGUES, 2019, p. 45).

As primeiras conquistas da FEB ocorreram entre os dias 16 e 26 de setembro, com a tomada de Camaiore e conquista de Monte Prano. Após esses feitos, foi a vez de Monte Castello, com os três primeiros ataques realizados em novembro de 1944. No entanto, apenas no dia 21 de fevereiro de 1945, Castello foi conquistado. Lembrando que nessa época, as tropas enfrentavam um rigoroso inverno (LIMA et al., 2015, p. 103-104).

Em seguida, nos dias 23 e 24 de fevereiro conquistam La Serra e Monte Della Torracia. Já entre os dias 05 e 06 de março foi a vez de Soprassaso e Castelnuovo, que serão abordados mais especificamente no próximo tópico. No dia 14 de abril, aconteceu a conquista de Montese (LIMA et al., 2015, p. 105-107).

Após essa realização, uma nova fase iniciou com as Ofensivas de Primavera. Nessa operação, as tropas aliadas infiltraram-se na retaguarda nazista, e dessa

forma, o exército alemão foi obrigado a recuar. Aproveitando isso, os brasileiros ocuparam Zocca, em 21 de abril. Por fim, a FEB avançou até chegar em Collecchio e Fornovo, onde ocorreu a rendição da 148ª Divisão de Infantaria do exército alemão. Nesse feito, o mais honroso da atuação da FEB na Segunda Guerra Mundial, foram feitos prisioneiros quase quinze mil soldados (LIMA et al., 2015, p. 108-109).

Depois dessa conquista, as tropas brasileiras não entraram mais em combate até o Dia da Vitória em 8 de maio de 1945. A FEB perdeu 466 soldados e teve cerca de 1600 feridos (COSTA, 2019, p. 7).

3.2 CASTELNUOVO

Juntamente da 10ª Divisão de Montanha Americana, a FEB se reorganizou ao longo da rota 64, planejando o ataque e a execução para a conquista de Soprassaso e Castelnuovo, duas importantes localidades ocupadas pelo exército alemão. Foi considerada a região mais perigosa de todo o dispositivo, segundo o Capitão Antorildo Silveira, que retrata em seu livro a bravura dos febianos nessa ocasião:

Ali, o soldado brasileiro, reafirmou uma vez mais o conceito de que goza, isto é, ser o militar do momento. Nunca foi especializado em montanha e combate nessa modalidade com tal precisão que entusiasma qualquer veterano alpino (SILVEIRA, 1947, p. 96).

Os ataques aconteceriam entre os montes de Torre di Nerone a Castelnuovo, a organização foi minuciosa. A operação preparada seria conduzida da seguinte forma: a 10ª Divisão americana tinha a missão de abrir um corredor entre Della Torraccia e Seneveglio e a DIE brasileira combateria em duas frentes, como o general Mascarenhas de Moraes pontua em seu livro *A FEB pelo seu comandante*:

Consistia, de um modo geral, em dois ataques combinados: um progredindo ao longo da crista de Castelnuovo e pelo flanco da posição inimiga; o outro procurando contornar o povoado já referido e cortar a retirada dos contrários pela estrada Castelnuovo – Áfrico (MORAES, 1947, p. 151).

Para esses ataques, estavam à frente as tropas do 6º Regimento de Infantaria (RI) e do 11º RI. O 6º RI foi comandada pelo coronel Nelson de Mello e tinha como missão atacar a crista que passava pelo povoado de Castelnuovo capturando a região tomada pelos nazistas. Em conjunto, o 11º RI, sob os cuidados do coronel Delmiro de Andrade, a missão simultânea ao 6º RI, ocupar a região Nordeste de Castelnuovo e aproveitar o êxito na direção geral da África (MORAES, 1947, p144-154).

A operação teve início dia 5 de março de 1945. A ordem foi dada e o 1º e 2º Batalhões do 6º RI iniciaram sua primeira missão, que era a de dominar as efetivas posições de fogo dos alemães em Soprassaso. Mesmo com os ataques, o 1º/6º RI continuou em direção a Castelnuovo, ficando o 2º/6º RI com a missão de desarticular e eliminar os alemães de Soprassaso. Na outra linha de ataque, o 1º Batalhão do 11º RI cobriu o flanco do 6º RI e, ao mesmo tempo, apoiou o principal ataque imediato a Castelnuovo, com o suporte da artilharia e dos morteiros. Ao final da tarde, após enfrentar pesado fogo inimigo, Soprassaso foi tomado pelos soldados brasileiros e Castelnuovo era conquistada pela 3ª Companhia do 1º/6º RI.

No final do dia, 72 prisioneiros tinham caído nas mãos do 1º e 2º Batalhões do 6º RI, juntamente com abundante quantidade de armamento. No conjunto da operação para conquista do Soprassaso, o 6º RI tinha sofrido perdas de três mortos e 21 feridos, dentre os quais um oficial (GONÇALVES; MAXIMIANO, 2005, p. 197).

Na operação foram apreendidos diversos armamentos, como fuzis automáticos de último modelo, metralhadoras 34 e 42, armas anticarro (parecidas com as bazucas americanas), centenas de granadas de mãos e os temidos *panzer faust* e *panzerschreck* (GONÇALVES; MAXIAMIANO, 2005, p. 196).

A batalha de Castelnuovo-Soprassaso foi a mais notável em valor estratégico, precisão de planejamento e a fidelidade na execução. Além disso, esse ataque foi importante porque desarticulou o exército nazista da sua linha defensiva.

4. CORRESPONDENTES DE GUERRA

A história do jornalismo de guerra é pródiga em personagens movidos por dois fatores: os puramente aventureiros e aqueles que assumiram a missão de fornecer referências factuais tanto para o presente como para a compreensão histórica a longo prazo (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 18).

Schelp e Liohn (2016) defendem que, as histórias de batalhas existem há tanto tempo quanto as próprias guerras. Sejam contadas a beira das fogueiras, de geração para geração, descritas em hieróglifos nas tumbas egípcias, registradas por cronistas dos Estados Combatentes, entre os séculos V e III a.C., na China ou contadas por trovadores medievais.

No começo, os relatos e a narração dos fatos eram puramente para engradecer os feitos dos guerreiros e reis. Conforme o tempo passou e os exércitos foram evoluindo, os comandantes passaram a selecionar homens para desempenharem a função de mensageiros, levando informações de um lugar para outro. No entanto, esses registros de informações pouco vinham a público. Em outros momentos, os conflitos eram registrados por observadores externos, como mercadores e aventureiros, que relatavam de forma pessoal (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 18-19).

Na Europa, até o surgimento dos jornais impressos no século XVII, as notícias de guerra eram divulgadas em panfletos manuscritos e as versões tinham variações, conforme quem relatava. Os primeiros jornais não enviavam seus representantes para acompanhar *in loco* as batalhas, até porque nessa época pouco se falava sobre o jornalista como a testemunha ocular, além da lentidão da produção nos periódicos. No entanto, que a primeira cobertura profissional de guerra, só aconteceu no ano de 1792 (SCHELP; LIOHN, 2016, p.19).

A atribuição do pioneirismo se dá ao jornal britânico *The Times*. Na época, o jornal abriu uma vaga para um profissional que possuísse fluência em francês e se dispusesse a documentar a Revolução Francesa, porém foi um caso isolado e não teve repercussão. Só mais de 60 anos depois, os jornais ingleses enviaram, efetivamente, os primeiros jornalistas para cobrir a Guerra da Crimeia, uma disputa territorial entre russos e ingleses, acontecida nos anos de 1853 a 1856. Schelp e Liohn descrevem esse acontecimento:

Thomas Chenery, correspondente em Constantinopla, e William Howard Russell, ambos do *The Times*, e Edwin Lawrence Godkin, do *London Daily News*, não se guiavam pelos interesses das forças britânicas ao produzir seus artigos sobre a Guerra da Crimeia. Eles descreviam com precisão não apenas as táticas desconhecidas dos comandantes das tropas inglesas, que eliminavam inutilmente centenas de vidas a cada confronto, mas também as péssimas condições que os soldados tinham que enfrentar no inverno, sem roupas adequadas e com alimentação insuficiente. Os relatos de Chenery, Russell e Godkin, baseados principalmente no que eles viam acontecer e escutavam nos acampamentos militares e nos hospitais de campanha, deram ao público inglês, pela primeira vez, uma visão menos romantizada da guerra. A insatisfação com os resultados ruins da campanha militar na Crimeia acabou levando à renúncia do primeiro ministro, em 1855 (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 20).

Diante disso, o novo gabinete diminuiu as pressões populares de duas formas: corrigiram os erros táticos na condução da guerra e começaram a dar um suporte maior para os soldados, principalmente em relação a assistência médica. Isso era um esforço para neutralizar as reportagens do *The Times*. Nessa guerra, o jornalista Russel foi o qual testemunhou a guerra em variados aspectos. No entanto, o comandante do exército britânico o acusava de colocar a segurança da força por expor informações táticas para o inimigo, e assim, nasceu o receio de se ter jornalistas ao *front*.

A percepção de que um jornalista no *front* atrapalha os esforços de guerra - quando a história que ele conta não pode ser controlada - é uma constante desde então (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 23).

Na Guerra da Crimeia, Russel mandava o conteúdo por cartas ao editor, o que era algo lento e demorava semanas até ser publicado. Já na Guerra Civil Americana ou Guerra de Secessão, ocorrida entre 1861 e 1865 quando estados do Norte e Sul dos EUA entraram em conflito, chegava uma nova tecnologia, o telégrafo. Isso possibilitou mais agilidade para levar informações e, conseqüentemente, uma disputa entre os jornais e a concorrência entre os correspondentes pelas informações inéditas.

A facilidade para cobrir o conflito, a rapidez para transmitir as informações e o fato de que os combates ocorriam dentro do território do país da maioria dos correspondentes permitiram que nada menos que 500 jornalistas fossem destacados para cobrir a Guerra Civil. Algumas publicações nos Estados Unidos chegaram a ter mais de 30 jornalistas escrevendo sobre os combates. Havia também representantes de jornais de outros países (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 24).

Da mesma forma que ocorreu no conflito da Crimeia, na Guerra civil os jornalistas também eram vistos com olhares de desconfiança pelos oficiais, o que

gerava censura. Além disso, como citado anteriormente, com a chegada do telégrafo acelerou a prática jornalísticas na cobertura de conflitos, o que gerou mais interesse ao público por notícias “quentes” e factuais. Também, nesse momento, os correspondentes conseguem ter poder de influência e começam a despertar certa admiração e respeito (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 26).

Durante o período que separou a Guerra Civil Americana da Primeira Guerra Mundial, a profissão de correspondente de guerra se consolidou como algo essencial para os jornais. E os correspondentes começaram a avançar mais nos conflitos, aproximando-se das ações militares, até porque as notícias “quentes” estavam mais próximo ao *front*. Nisso, os mesmos começaram a ter dificuldades em separar os papéis de observador da realidade para produzir crônicas e a de participante do conflito, os chamados correspondentes-combatentes.

Correspondentes com frequência largavam a caneta para pegar em armas (...) O mais famoso correspondente-combatente é Winston Churchill, que mais tarde se tornaria o primeiro-ministro britânico que conduziu o país na guerra contra a Alemanha de Adolf Hitler. Militar, aos 21 anos de idade Churchill foi a Cuba para testemunhar a guerra de independência, em 1895, e de lá enviou relatos para o jornal *Daily Graphic*. A partir de então, Churchill passou a alternar suas missões militares com trabalhos eventuais como correspondente em conflitos na Índia, no Sudão e na África do Sul. Pouco depois de chegar a este último país, para cobrir a Guerra dos Bôeres (1899-1902), Churchill foi capturado durante uma emboscada a um trem. Ele conseguiu fugir e juntou-se a um regimento britânico para lutar. Nem por isso deixou de continuar enviando os seus artigos para o jornal *Morning Post* (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 26).

Na Guerra civil Espanhola, conflito ocorrido posteriormente a Primeira Guerra Mundial nos anos de 1936 a 1939, também teve a característica de correspondentes-combatentes, a exemplo de James Lardner, do *New York Herald Tribune*. O jornalista deixou a caneta de lado para juntar-se à Brigada Internacional e acabou sendo morto em combate. Nesse conflito, correspondentes e escritores conceituados fizeram parte da cobertura, como Ernest Hemingway e George Orwell. Além disso, outro destaque é que a Guerra Civil Espanhola foi o primeiro conflito consistentemente documentado em fotografias. Um dos fotógrafos de guerra mais famosos, Robert Capa, perdeu sua esposa nesse conflito, Gerda Taro, que também era fotógrafa e morreu atropelada por um tanque (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 30).

Quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, em 1914, os países já sabiam sobre o trabalho dos correspondentes de guerra e os impactos que as informações divulgadas poderiam causar. Dessa forma, as forças militares e governos impuseram

forte censura aos jornalistas enviados a guerra. Conforme explicado no livro *Correspondentes de Guerra: os perigos da profissão que se tornou alvo de terroristas e exércitos*:

A Rússia não permitia aos jornalistas chegarem nem perto da frente de batalha. Os alemães adotaram rigor semelhante, mas foram além: criaram sua própria agência oficial para distribuir notícias dentro e fora do país, inclusive em nações inimigas. Franceses e britânicos exigiam que os correspondentes se credenciassem junto a suas forças militares e, em tese, até era possível ir aonde a ação ocorria. Assim mesmo, qualquer reportagem passava pelo crivo de um censor antes que pudesse ser enviada para divulgação. Quando entraram na guerra, já num momento de declínio das forças alemãs, os Estados Unidos adotaram medidas igualmente restritivas ao trabalho da imprensa. Como a maioria das notícias que saíam nos jornais mais pareciam comunicados oficiais dos comandos dos exércitos, os correspondentes que buscavam algo diferente tinham que se arriscar para valer na busca por uma boa história (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 31).

Além da censura, os jornalistas foram proibidos de agir de forma independente, não podiam ir ao *front* e circular em zonas de guerra, se o fizessem tinham punição, isso ajudava os governos a controlarem as informações distribuídas durante a guerra. Diante disso, muitos dos relatos mais realistas do conflito foram escritos pelos próprios soldados, por meio de cartas enviadas aos familiares ou livros escritos após darem baixo ao serviço.

Ser um jornalista só representava uma ameaça maior quando se descumpria as regras impostas pelas forças militares. Em certos momentos da guerra, os correspondentes foram obrigados a vestir um uniforme e a usar um bracelete verde como identificação. Se algum jornalista independente fosse encontrado perto das zonas de combate sem autorização, devia ser preso e deportado. Em uma dessas situações, um comandante britânico ameaça enviar um deles para o paredão. Um profissional com credenciamento da França, por exemplo, não podia cruzar a linha inimiga para fazer reportagens do lado alemão. Se o fizesse e fosse pego, seria fuzilado (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 33).

Na Segunda Guerra Mundial, o sistema de censura não foi tão diferenciado para as nações aliadas, aparentemente ele foi aprimorado. Além da censura, outra característica forte era a guerra propagandística que ocorria simultaneamente. Na Segunda Guerra, o que mudou foi o número de jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas cobrindo o conflito nas mais diversas localidades, além dos avanços tecnológicos, como a difusão do rádio como principal meio popular de comunicação mundial. O autor Leonardo Guedes Henn, em seu artigo “*Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial*”, explica a influência do rádio na guerra:

Sendo assim, somente o rádio poderia transmitir ao vivo das zonas de combate. Era a partir da narração do locutor que o público ouvinte construía a sua imagem das batalhas, o que fez com que o rádio cumprisse um papel fundamental no sistema de propaganda elaborado pelos aliados. Os locutores estavam cientes do papel que lhes cabia: incrementar o interesse da população pela guerra, levando que a torcida pela vitória dos seus compatriotas contagiasse o maior número de pessoas. Por isso, procuravam fazer as transmissões de forma dinâmica e emotiva (HENN, 2013).

A BBC, que na época, era a maior emissora radiofônica do mundo, transmitindo informações em 47 línguas, foi considerada a maior formadora de opinião pública durante a guerra, tendo efeito até no Brasil. Isso, quando a FEB foi enviada à Itália, foi designado um correspondente específico para fazer cobertura das tropas brasileiras, o jornalista Francis Hallewell. A emissora, ao longo da história, era considerada imparcial e objetiva, no entanto, durante a guerra, fez parte do esforço aliado, do ponto de vista britânico (HENN, 2013).

A Alemanha foi o país que mais tinha poder sob seus correspondentes, todos - jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas - foram integrados ao exército e designados para a Divisão de Propaganda. Dessa forma, as notícias e informações eram direcionadas a população alemã para contribuir na moral e esforços de guerra. No auge, eram cerca de 12 mil profissionais atuando em zonas de conflito. O que era uma grande arma de guerra, pois o resultado disso era que os alemães possuíam a maior produção de conteúdo e imagens sobre o conflito. Porém, os correspondentes alemães morriam tanto quanto os militares de infantaria, apenas dois terços sobreviveram (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 35).

Já a imprensa soviética, não tinha quase nenhuma possibilidade de chegar perto dos acontecimentos. Só era publicado assuntos de interesse ao Partido Comunista. No Leste, os poucos correspondentes estrangeiros que buscavam fazer cobertura, muitas das vezes eram considerados espiões do Ocidente. Só quando a guerra chega em algumas cidades russas, como Stalingrado, alguns jornalistas conseguiram testemunhar os fatos. Como o exemplo da fotógrafa americana, Margaret Bourke White, que fotografou bombardeiros alemães em Moscou (SCHELP; LIOHN, 2016, p. 35).

Nos mais variados palcos da Segunda Guerra Mundial, haviam muitos correspondentes, gerando concorrência entre os jornais para conseguirem os fatos mais “quentes” e impactantes. Isso fez com que os editores dos jornais pressionassem os correspondentes a deixarem os bastidores para se empenharem a produzir notícias

sobre o *front*. Quando a Alemanha começou a decair, a cobertura jornalística na Europa tornou-se mais abrangente. Para o desembarque na Normandia, estavam credenciados 558 repórteres, fotógrafos e cinegrafistas, entre eles, o veterano Robert Capa (SCHELP; LIOHN, 2016, p.38)

Na reta final da Segunda Guerra Mundial haviam muitos jornalistas acompanhando as tropas aliadas em território alemão. Um exemplo é a jornalista Marguerite Higgins, do *New York Herald Tribune*, que presenciou a liberação do campo de concentração de Dachau e foi uma das primeiras a testemunhar os horrores que ali se passava.

4.1 CORRESPONDENTES DA FEB

Ao todo, foram 11 jornalistas que compuseram a equipe de correspondentes da FEB: Alan Fisher (cinegrafista da Coordenação de Assuntos Interamericanos), Egydio Squeff (O Globo), Fernando Stamato (Cinegrafista do Departamento de Imprensa e Propaganda), Francis Hallawell (BBC), Frank Norall (Coordenação de Assuntos Interamericanos), Henry Bagley (*Associated Press*), Horácio de Gusmão Coelho Sobrinho (cinegrafista da FEB), Joel Silveira (Diários Associados), Raul Brandão (Correio da Manhã), Rubem Braga (Diário Carioca) e Thassilo Mitke (Agência Nacional). Eles tinham como principal missão retratar a FEB e o esforço Brasileiro de Guerra (COSTA, 2019, p.77-107).

Os jornalistas brasileiros tiveram permissão tardia para embarcar rumo à guerra, mesmo sendo considerados desde a criação da FEB, em 1943. Após o envio do 1º escalão, em julho de 1944, os jornais começaram ficar inquietos com a situação, já que era uma oportunidade de ganho econômico para os mesmos porque a população tinha anseio em saber sobre os brasileiros na guerra. Mas, até então, o presidente Getúlio Vargas, com a política de Estado Novo, não havia liberado o envio de correspondentes civis juntamente com a tropa brasileira, apenas dois assessores do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Joel Silveira, retrata a questão em seu livro *O Inverno da Guerra*.

Pouca gente sabe disso, mas o fato é que o governo da época (a ditadura do Estado Novo, de Getúlio Vargas) não queria de forma alguma que os jornais enviassem à Itália seus próprios correspondentes. O ministro da Guerra, o general Eurico Dutra, achava que eles só iriam atrapalhar e "além do mais, os jornalistas indicados eram todos contrários ao governo". O Dr. Lourival Fontes, chefe todo-poderoso do Departamento de Imprensa e

Propaganda (DIP), era da mesma opinião; e acrescentava mais: que seu departamento, que controlava a Agência Nacional, podia dar conta perfeitamente do recado. De forma que, no primeiro escalão da FEB, só foram jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas da Agência Nacional (SILVEIRA, 2005, p. 16).

Na época, o governo tinha implantado o DIP, uma reestruturação do Departamento Nacional de Propaganda (DNP), e semanalmente ocorriam reuniões com o Conselho de Imprensa, que ditava o que deveria sair nos próximos sete dias nos jornais, se não ocorresse como tal, o governo poderia fazer corte de papel para os jornais, pois ele obtinha o controle sob o mesmo (COSTA, 2019, p.9).

A situação mudou, em agosto de 1944, numa das reuniões realizadas com donos de jornais: Roberto Marinho (O Globo), Assis Chateaubriand (Diários Associados), Paulo Bittencourt (Correio da Manhã) e Horácio de Carvalho (Diário Carioca) se reuniram e condicionaram ao DIP liberar a ida dos seus correspondentes representantes no próximo escalão ou senão nem *releases* mandados pelos correspondentes da Agência Nacional sairiam nos jornais. Dessa forma, mesmo que sendo uma estratégia arriscada realizada pelos donos, o DIP cedeu. Em contrapartida, impôs a premissa de que os nomes dos jornalistas passassem por uma seleção interna e fossem aprovados pelos chefes do DIP (COSTA, 2019, p.9).

Diante disso, um mês depois, em setembro de 1944, os jornalistas embarcaram com o 2º e 3º escalão da FEB. Os correspondentes não tiveram nenhum tipo de treinamento ou preparo, o que aprenderam foi durante a viagem em conversa com os soldados. No entanto, quando fizeram a incorporação, receberam patentes de oficiais e estavam sob a lei militar estabelecida na época. Além dos jornalistas brasileiros selecionados para cobrir a FEB, correspondentes norte-americanos foram designados para esse trabalho, os escolhidos já tinham experiência no Brasil e conhecimento da língua portuguesa (COSTA, 2019, p.11-13).

Além da censura imposta pelo governo Vargas, os correspondentes tiveram que aprender a lidar com a censura militar, seguindo o Regulamento para Correspondentes de Guerra. Esse documento previa as condutas relacionadas aos correspondentes, desde a assistência aos mesmos durante a permanência na guerra (acomodação, transporte, médico etc.); como também apontava que o Departamento de Guerra era o único responsável por liberar a ida do jornalista ao *front*, todo o conteúdo produzido pelos correspondentes deveria ser apresentado ao Escritório da Inteligência ou nas Relações Públicas e também ao setor de censura (para evitar que

uma informação que colocasse o exército em perigo ou denunciasse alguma situação e fosse disparada à público), entre outras questões.

Apesar da recepção não tão calorosa em Pistoia, cidade italiana onde os correspondentes foram alocados, os jornalistas foram fundamentais para a tropa, pois além de estarem lá para informar quem estava no Brasil e cumprir com a missão pré-estabelecida, eles alimentavam a moral dos soldados. Além da produção dos correspondentes, havia os jornais de trincheira, mais voltados ao entretenimento e com a contribuição dos próprios pracinhas.

4.1.1 CORRESPONDENTES AUTORES DOS TEXTOS ANALISADOS

As notícias analisadas são de quatro correspondentes diferentes, abaixo é descrito um mini perfil sobre cada um.

Egydio Squeff trabalhava no O Globo e seu nome foi o primeiro a ser indicado por Roberto Marinho, quando o governo liberou a ida de jornalistas civis. Era gaúcho, tinha 33 anos, estava em sua melhor fase e já tinha experiência na bagagem. Por isso, foi o escolhido para ser o redator do O Globo Expedicionário, uma ramificação do jornal dedicado a FEB (COSTA, 2019, p. 80-82).

Henry Bagley era americano e foi elencado como correspondente da FEB, desde de janeiro de 1942, pela agência de notícias *Associated Press*. Bagley já tinha experiência com a língua portuguesa porque morava no Brasil há alguns anos. Além disso, ele era chefe da *Associated Press* sediada no país (COSTA, 2019, p. 88).

Joel Silveira, sergipano, na época, estava com 26 anos e era funcionário do Diário Associados. No jornal, outro profissional foi indicado para ir, no entanto, em função do DIP, Assis Chateaubriand acabou escolhendo o Joel para representar o Diário na guerra. Assim como Egydio, Joel Silveira tinham acesso ilimitado ao serviço de transmissão de notícias (COSTA, 2019, p. 89).

Raul Brandão, estava já com seus 53 anos e era chefe de redação do Correio da Manhã. Brandão era veterano como correspondente, pois tinha ido para a 1ª Guerra Mundial também. Na redação, tinha outro nome que poderia ter ido, mas por conta do DIP também acabou sendo dispensado e então, Brandão se dispôs a ir para a 2ª Guerra (COSTA, 2019, p. 96).

5. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a produção da presente pesquisa utiliza o método de análise de Forma de Enquadramento de Batalhas, ou análise de FEB (COSTA e MELLO, 2016). O método consiste na separação dos textos que versem sobre o mesmo tema, em partes que cronologicamente podem ser comparadas. Costa e Mello (2016) dividiram a batalha de Monte Castello (Itália, dezembro de 1944 a fevereiro de 1945), de acordo a divisão constante no livro “Os Sertões”, sobre a Guerra de Canudos, de Euclides da Cunha (1902), em que o autor a faz a separação em três partes, que são pontos chave para o trabalho.

O primeiro é “o homem”, onde trata das peculiaridades dos combatentes daquela campanha da Bahia (...). O segundo ponto, “a Terra” é a forma que autores descrevem as paisagens, topografias e geografia de modo geral; por fim o terceiro ponto, esse é o principal, “a Batalha”, que traz as visões dos correspondentes sobre a luta entre os exércitos (...) (Costa e Mello, 2016, p.53-54).

Neste trabalho o método foi adaptado para abranger a batalha de Castelnuovo di Vergato (05 e 06 de março de 1945). O episódio foi separado em pré-ataque, ataque, pós-ataque e protagonismo. No pré-ataque, o intuito é buscar nos textos a ambientação da situação, a partida e o comando do feito. No ataque, foca-se em descobrir se tinha apoio e resistência, e também observar a descrição do ataque em si. Já no pós-ataque a intenção é identificar as conquistas do ataque, baixas e consequências para o conflito. Por fim, o protagonismo tem por finalidade averiguar para quem foi dada a ênfase de realização no texto.

Para facilitar a análise, os textos foram separados em colunas e os trechos similares agrupados. Depois, os textos foram interpretados para a investigação quanto à proximidade e diferenças de discursos entre si. É dessa interpretação que nascem as conclusões que são apresentadas ao final do trabalho.

6. ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para a análise de conteúdo foram selecionados quatro textos do mesmo fato e assinados por correspondentes diferentes. No caso, os textos foram escritos pelos jornalistas Egydio Squeff, Henry Bagley, Joel Silveira e Raul Brandão. O fato documentado em ambos textos é a conquista de Castelnuovo. Diante disso, será usada a metodologia citada anteriormente para a análise.

6.1 PRÉ ATAQUE

Neste primeiro quadro, são elencados trechos dos quatro textos que abrangem a ambientação referente ao contexto que os brasileiros estavam inseridos; a partida sobre de onde eles saíram rumo a batalha e o comando é para identificar quem estava realizando a operação. É possível verificar que apenas o evento de ambientação todos os jornalistas citam. A partida dois correspondentes não citam no texto e o comando não é citado em um dos textos.

EVENTO	EGYDIO SQUEFF	HENRY BAGGLEY	JOEL SILVEIRA	RAUL BRANDÃO
Ambientação	“As tropas brasileiras estão praticamente em operações ofensivas desde o dia 21 de fevereiro, sendo que, desde 3 de março, vêm obtendo uma série de brilhantes vitórias. Na nova investida combinada da 10ª Divisão de Montanha norte-americana contra os alemães, os nossos soldados acabam de tomar Monte Soprasasso e Villa Castelnuovo.”	“As forças brasileiras capturaram a aldeia de Castel Nuovo e o monte Soprasasso em seu terceiro dia de ofensiva na frente do 5º Exército Americano. Partindo de suas posições além das montanhas capturadas quando das operações conjuntas da semana passada.”	“A noite da véspera - longas horas de olhos abertos para o inimigo, os pés enregelados, uma tremenda luta corpo a corpo contra o frio, o sono e os morteiros parecem ter envelhecido de cinco ou seis anos o capitão Aldenor.”	“No dia 5 do corrente, verificou-se o seguinte: os americanos progredindo em várias direções atingiram o Monte Grande Aiano, Castel Dalano e Monte Della Castellana, cabendo aos brasileiros dominar o saliente de Soprasasso e conquistar Castelnuovo - fortes posições inimigas.”
Partida	Não cita	“Essas operações tiveram início hoje de madrugada, partindo os brasileiros de suas posições nas proximidades da aldeia de Palazzo, onde a Força Expedicionária Brasileira se	“Às nove horas da manhã, partimos de Volpara com destino ao Soprasasso”	Não cita

		manteve durante meses e bem diante dos alemães.”		
Comando	“Participaram da ação tropas comandadas pelos majores João Carlos Gross e Orlando Ramagem, sendo a limpeza de Soprasasso feita pelos homens do major Henrique Oeste.”	“Grande elevação rochosa, Soprasasso foi flanqueado e cortado pelas forças brasileiras sob o comando do major João Carlos Gross”	“Sim, aqui é Castelnuovo, me diz o segundo sargento José Franco, do 6º Regimento de Infantaria. Pergunto pelo P.C. do Capitão Aldenor.”	Não cita

6.2 ATAQUE

Este segundo quadro é sobre o ataque em si, serão retirados dos textos dos correspondentes informações que compreendam o apoio, para saber quem estava formando a tropa. Já a resistência é para identificar as dificuldades enfrentadas e a descrição é para saber efetivamente como aconteceu. Um dos textos tem uma parte danificada, a qual não permite a leitura na íntegra.

EVENTO	EGYDIO SQUEFF	HENRY BAGGLEY	JOEL SILVEIRA	RAUL BRANDÃO
Apoio	“Desta vez faltou o apoio da aviação, devido ao mau tempo, mas nossa artilharia colaborou eficazmente, como sempre.”	“A artilharia americana e brasileira, assim como, os bombardeiros americanos concentraram-se contra as posições elevadas do inimigo e na planície, à frente da infantaria aliada em ofensiva.”	“Mais tarde um prisioneiro me disse que, horas antes da queda de Castelnuovo, nossa artilharia já havia desorganizado toda a resistência nazista.”	Não cita
Resistência	“Encontraram forte resistência no cimo do morro, inclusive de metralhadoras germânicas”	llegível	“Dominamos o morro horas depois, deixamos atrás um ponto de resistência que mais tarde seria aniquilado pelo segundo batalhão do Sexto”	Não cita
Descrição	“O combate começou às 9 horas e prolongou até as 19, quando os brasileiros convergiram, por dois flancos, sobre	“Subindo através dos montes para em seguida avançar na direção por norte-leste, o progresso dos brasileiros tem	“Tivemos ordem de avançar até Castelnuovo. Foi uma caminhada difícil, com a chuva de morteiros nos	“Soprasasso, forte posição inimiga que penetrava o dispositivo de nossas linhas entre Palazzo e Lissano, foram

	Castelnuevo. Soprasasso caiu 18 horas depois de forte resistência inimiga.”	sido lento. No entanto, o poderio dos alemães aparentemente não é grande e pouco antes do cair da tarde todos as elevações já se encontravam em mãos dos brasileiros.” (Restante não legível)	alvejando. Perto de Castelnuovo, os tedescos concentraram todas as suas metralhadoras sobre nós. Seria impossível um ataque frontal. Então distribuí os meus homens e ataquei o monte pela retaguarda. Os alemães não esperavam por aquilo, e tiveram que se retrair.”	conquistados às 17 horas pela mesma tropa que recebeu ordem de continuar no avanço e conquistar Castelnuovo, o que realizou em seguida.”
--	---	---	--	--

6.3 PÓS ATAQUE

Neste terceiro quadro, são selecionados trechos que contam sobre o resultado da batalha. As conquistas do pós-ataque é para saber o que eles conseguiram através do feito. As baixas referem-se aos mortos e feridos e as consequências diz respeito ao que acontece em seguida. Aqui percebe-se que apenas em dois textos são citados algum dos eventos.

EVENTO	EGYDIO SQUEFF	HENRY BAGGLEY	JOEL SILVEIRA	RAUL BRANDÃO
Conquistas	“Durante o dia fizemos mais prisioneiros que atingiu quase 550. Capturamos também, duas elevações de mais de 700 metros de altura.”	Não cita	“Apanhamos grande quantidade de munição e armamento dos alemães. Venha ver. Quatro metralhadoras-lourdinhas, granadas, uns trinta caixotes de balas, morteiros, bazukas, pistolas, facas e punhais, e tanta coisa mais. E ainda naquele instante os nossos pracinhas continuavam a trazer dos fox-holes e casamatas, havia uma média de quarenta defesas individuais e quinze coletivas espalhadas pela crista de fraldas dos morros, mais quantidades de	Não cita

			material abandonados”	
Baixas	“Nossas baixas são insignificantes.”	Não cita	Não cita	Não cita
Consequência	“Os germânicos perdem gradativamente as cristas das montanhas em larga extensão de frente modificando-se, assim, o panorama estratégico da luta desvantajosa que vínhamos enfrentando.”	Não cita	Não cita	Não cita

6.4 PROTAGONISMO

O último quadro refere-se ao foco dado por cada jornalista a quem participou da batalha e a venceu. Dessa forma, dois textos são explícitos ao enaltecerem os brasileiros, em um os brasileiros são retratados de forma implícita e em outro, compartilham as glórias da vitória com os americanos.

EVENTO	EGYDIO SQUEFF	HENRY BAGGLEY	JOEL SILVEIRA	RAUL BRANDÃO
Ênfase	“Os brasileiros, não obstante empenhados em combate durante 15 dias, permanecem de alto moral, vivendo horas de júbilo intenso em face das vitórias contínuas sobre o inimigo. Todo o nosso front está movimentado com as operações em andamento. Acompanhei o ataque, podendo ver os nossos bravos soldados ganharem Soprasasso num trabalho gigantesco.”	Protagonismo compartilhado.	Protagonismo brasileiro de forma implícita.	“Forças brasileiras conquistaram Soprasasso e Castelnuovo, após um dia inteiro de luta (...) Foi essa mais uma jornada brilhante dos brasileiros em ofensiva no Quarto Corpo do V Exército.”

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do resgate histórico, contextualização do Brasil na 2ª Guerra Mundial, dos conceitos abordados sobre os correspondentes de guerra, juntamente com a realização da análise de conteúdo, serão apresentados os resultados e conclusões deste trabalho com o respaldo metodológico aplicado.

O texto do correspondente Egidio Squeff, publicado no O Globo, é o mais completo dentro da análise realizada. Dos 10 eventos elencados (ambientação, partida, comando, apoio, resistência, descrição, conquistas, baixas, consequências e ênfase), o texto dele apresenta nove. O único evento não citado por ele é a partida, ou seja, de qual local os brasileiros saíram em direção a Soprassaso e Castelnuovo.

Egidio usa primeira pessoa, colocando-se no texto. Também se nota que as informações são explícitas, assim como sua observação e ênfase para a atuação brasileira. Egidio possui uma escrita organizada, próxima ao formato do que temos como texto jornalístico para notícia, atualmente. Isso se dá ao fato de Squeff ser bastante estudioso e possuir referencial jornalístico norte-americano, que na época já usava o formato semelhante ao da notícia atual, com o *lead*, por exemplo. No caso da imprensa brasileira, o *lead* só chegaria anos mais tarde, assim como, a primeira escola de jornalismo do Brasil (Casper Líbero, em 1947). Essa questão deve ser levada em consideração e possui peso diante dessa análise, já que na época, não havia uma padronização para os textos jornalísticos brasileiros.

O jornalista da *Associated Press*, Henry Bagley, teve seu texto publicado no Diário Carioca. Esse jornal tinha um correspondente representante, que era o Rubem Braga, no entanto, acredita-se que o texto de Bagley foi publicado no Diário pela agilidade que chegou ao Brasil, pois saiu no jornal dia 08 de março. Rubem não tinha acesso ilimitado ao serviço de transmissão de notícias como Egidio e Joel, o que o impedia de produzir notícias mais factuais e o levava a escrever crônicas.

O texto de Henry é o mais próximo do formato de notícias como é conhecido hoje. Isso não é à toa, pois Henry tinha formação profissional pelo curso de jornalismo da Universidade de Rutgers. Então, ele adquiriu as técnicas norte-americanas de como produzir textos jornalísticos, com a proposta de *lead*. Nesse aspecto, é necessário ressaltar que o *lead* nasceu durante a Guerra Civil Americana, quando os jornalistas tinham problemas em mandar notícias por conta das poucas linhas de telégrafos. Dessa forma, foi criada a estratégia de mandar as informações mais

importantes primeiro. De acordo com Silva (1991), no Brasil, o formato do *lead* começa a ser trabalhado efetivamente, por influência das agências norte-americanas, na década de 50.

No texto publicado, Bagley se atenta para o fato, apresenta eventos do pré-ataque e o ataque em si. Não fala sobre as consequências do ataque e escreve de forma impessoal. Na ênfase, o protagonismo é compartilhado, ou seja, não vangloria os pracinhas brasileiros e cita a ação de norte-americanos de forma conjunta e com um olhar de “fora”. Diferentemente de Squeff e Brandão, que dão mérito explícito a FEB.

Joel Silveira era representante do Diário Associados, mas o texto analisado foi publicado no jornal O Cruzeiro do Sul, produzido pelo Serviço Especial da FEB. O periódico tinha a característica de ser “feito por soldados para soldados” e era considerado o jornal oficial da FEB. Quem escrevia para o jornal eram os militares, mas também havia contribuições dos correspondentes, principalmente de Joel, Egydio, Raul, Rubem Braga e Francis Hallawell. A escolha do texto do Joel para publicação, nesse momento, pode ter sido devido a sua proximidade com os oficiais do comando da FEB, às menores restrições políticas envolvidas a ele ou pela forma de construção textual de Joel.

No texto do correspondente, publicado em 11 de março de 1945, as principais características são a descrição e o detalhamento. Também, ele se coloca presente no texto, ponto em comum com Squeff. Em contrapartida, é o único que apresenta fala, logo no início do texto, o que ressalta a forma pessoal de fazer a narrativa. Os eventos do pré-ataque e ataque são descritos. Já quanto ao pós-ataque, apenas as conquistas são relatadas. Em seu texto é notável a proximidade com os pracinhas brasileiros, no entanto, a ênfase não é escrita de forma explícita. Porém, durante a leitura é possível perceber a ênfase nas entrelinhas, quando ele cita, por exemplo, sobre os soldados ainda estarem atirando nos inimigos resistentes ou quando ele descreve as conquistas brasileiras da batalha.

O veterano, Raul Brandão, que foi correspondente na 1ª e 2ª Guerra Mundial, representava o Correio da Manhã. Seu texto, assim como de Bagley, foi publicado no dia 08 de março no jornal para qual trabalhava. A análise do texto de Brandão foi a qual indicou menor presença dos eventos elencados. Dos 10 ele apresentou três.

O correspondente é sucinto em fazer a ambientação. O mesmo ocorre no pré-ataque, com uma breve descrição do ataque e a ênfase aos pracinhas brasileiros na

conquista de Castelnuovo, o que foi tratado de forma positiva. Sua escrita era impessoal e tinha um formato mais próximo como de uma nota, ou seja, com textos curtos.

Diante disso, é possível identificar em três dos quatro textos analisados que o protagonismo da Batalha de Castelnuovo foi para os pracinhas brasileiros. Apenas no texto de agência, escrito por Henry Bagley, isso é compartilhado devido a situação exposta.

Nessa questão, também entra, de forma clara, a diferença de construção e formato textual do correspondente da *Associated Press*. Os conceitos de produção de textos jornalísticos para Bagley eram diferentes dos correspondentes brasileiros, levando em consideração a formação do jornalista norte-americano e a evolução e o desenvolvimento do jornalismo no Brasil. Também pesava o fato de que o americano foi enviado para cobrir a FEB por ter proximidade com o Brasil, onde já havia trabalhado. Logo, a presença dele era também política de boa vizinhança entre os dois países.

Já a questão sobre a preferência do texto de Joel Silveira para publicação no jornal oficial da Força Expedicionária Brasileira, os três argumentos citados devem ser considerados e creditados como forma de interpretação individual, como não há referências bibliográficas para afirmação de apenas um argumento como também do conjunto.

Ao término dessas considerações, é necessário ressaltar, que embora existam diferenças na abordagem, na perspectiva, no protagonismo, na construção textual, no meio de veiculação, nas condições técnicas do momento, e no conhecimento e na experiência particular de cada correspondente, todos narraram e documentaram esse recorte da história militar brasileira durante a 2ª Guerra Mundial. Dessa forma, exerceram seus deveres de levar informação a quem esperava e assim cumpriram com a missão inicial que lhes era proposta: retratar a FEB e o esforço brasileiro durante a guerra.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**: História de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: ed PUC-Rio. São Paulo Edições Loyola, 2002.
- ARENDT, Hannah. (1949). **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- COGGIOLA, Osvaldo. **Segunda Guerra Mundial**: Causa, Estruturas e consequências. São Paulo: LF editorial, 2015.
- COSTA, Helton. **Confissões do Front**: Soldados do Mato Grosso do Sul na II Guerra Mundial. 1ª ed. Dourados: Arandu, 2012.
- COSTA, Helton. **Crônicas de sangue**: Jornalistas brasileiros na II Guerra Mundial. 1ª ed. Ponta Grossa: Motres, 2019.
- COSTA, H.; MELLO, M. **War Correspondent**: Joel Silveira e Rubem Braga na cobertura das grandes batalhas do Brasil na II Guerra Mundial. 2016. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Universitário Santa Amélia, Ponta Grossa, 2016.
- DIEHL, Paula. **Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista**. São Paulo: Annablume, 1996.
- GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**. Alfragide: Dom Quixote, 2009.
- GONÇALVES, José; Maximiano, Cesar Campiani. **Irmãos de Arma**: Um pelotão da FEB na II Guerra Mundial. São Paulo: Códex, 2005.
- HENN, Leonardo Guedes. **Os correspondentes de guerra e a cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial**. Santa Maria, RS. 2012.
- HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914 – 1991. Trad. Marcos Santarrita. 2ª ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.
- LENHARO, Alcir. **Nazismo**: o triunfo da vontade. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1986.
- LIMA, Cipriano A. O. et al. **A Importância Das Batalhas Da Força Expedicionária Brasileira**. 2018. Disponível em:

<<http://ebrevistas.eb.mil.br/index.php/adj/article/view/1041/1051>>. Acesso em: 07 de setembro de 2020.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. **Barbudos, sujos e fatigados: soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Grua, 2010.

MORAES, João Batista Mascarenhas. **A FEB pelo seu comandante**. São Paulo: Progresso, 1947.

MORAES, João Baptista Mascarenhas de. **Memórias**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, v. 1, 1984.

OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil - EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. 1ª ed. Curitiba: Juruá, 2015.

RODRIGUES, Fernando da Silva. **Organização, preparação e atuação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial**. 2019. Disponível em: <<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/index.php/CEEEExAE/article/view/2249#:~:text=O%20objetivo%20desse%20ensaio%20%C3%A9,conjuntas%20da%20rela%C3%A7%C3%A3o%20pol%C3%ADtico%20militar>>. Acesso em: 07 de setembro de 2020.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro**. São Paulo: Summus, 1991.

SILVEIRA, Antorildo. **6º R.I. Expedicionário**. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1947.

SILVEIRA, Joel. **O Inverno da Guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2005.

SCHELP, D.; LIOHN, A. **Correspondente de Guerra: os perigos da profissão que se tornou alvo de terroristas e exércitos**. São Paulo: Contexto, 2016.

ANEXOS

Anexo A – Texto de Egydio Squeff

ESTÃO ABRINDO CAMINHO PARA O VALE DO PÓ OS EXPEDICIONARIOS BRASILEIROS

Em franca desagregação as forças de Kesselring, cujos soldados, às cantenas, descem os encostos, entregando-se aos nossos combatentes

Excelente a ação das nossas tropas na captura de Castel Nuovo e de Soprasasso — Como, de um posto avançado da linha de frente, o correspondente de guerra d'O GLOBO descreve a operação, levada a efeito através de campos minados e de condições difíceis em terreno montanhoso

COM A F. E. B. NA ITALIA, (Retardado — Via Western —) de Egydio Squeff, correspondente de guerra d'O GLOBO — Apesar do grande número de prisioneiros nazistas, não há indícios de retirada germânica.

CAPTURADO SOPRASASSO E CASTELNUOVO
DE UM PONTO QUALQUER DA ITALIA, e de Egydio Squeff, correspondente de guerra d'O GLOBO — As tropas brasileiras estão praticamente em operações ofensivas desde o dia 21 de fevereiro, sendo que, desde 1.º de março, vem obtendo uma série de brilhantes vitórias.

Na nova investida combinada da 10.ª Divisão de Montanha norte-americana contra os alemães os nossos soldados sobam de nome Monte Soprasasso e Vila Castelnuovo.

Participaram da ação tropas comandadas pelos majors João Carlos Gross e Orlando Barmann, sendo a linha de Soprasasso feita pelos homens do major Henrique Oetz, que encontram forte resistência no cimo do morro, inclusive de metralhadoras alemãs. O combate começou às 9 horas e se prolongou até às 13, quando os brasileiros convertem-se para Soprasasso e Vila Castelnuovo. Soprasasso caiu 18 horas depois da forte resistência inimiga. Durante a sua defesa, muitos prisioneiros que atingiu o nosso avanço. Também, duas peças de artilharia de 70 metros de altura. Deixou vez fatios o sítio da vila, devido ao seu tempo, mas nova artilharia colocou eficientemente, como sempre. Nossas batidas são insignificantes. Soprasasso era ótimo observatório nazista, ganhando vantagem às nossas posições. Os germânicos perdem, gradualmente, as cidades das montanhas em larga extensão de frente.

AVANÇO
COM A F. E. B. NA ITALIA, (Retardado — Via Western —) de Egydio Squeff, correspondente de guerra d'O GLOBO — As tropas brasileiras recapturaram, hoje, o avanço, capturando várias pequenas localidades de importância estratégica. Operando em perfeita coordenação com a 10.ª Divisão de Montanha dos Estados Unidos, as nossas tropas tiveram a missão de apoiar o flanco sul das bem treinadas tropas norte-americanas e garantir considerável extensão na frente onde se desenvolvem os combates. Antes de maior importância de tudo o "front" italiano. O ataque às 7 horas, precedido, durante 30 minutos, de intenso e ininterrupto fogo da artilharia brasileira, cooperando com os artilheiros norte-americanos. As 8 horas começou o avanço dos nossos soldados, constituindo as nossas duas batalhas. As 10 horas o primeiro objetivo — Rocca Pizzaglia — e às 11.30 as nossas tropas capturaram Santa Maria Vittoria. Pouco depois, às 12 horas, a missão de força brasileira estava cumprida com a queda das elevações de Ortolino, Sarnano e Narecciu, além

de outras. Comandaram os batalhões os majors Elvino Cazzoli da Nubrega e Orlando Barmann. Entre no posto avançado de observação desta unidade parte das operações e o major Ramagem me declarou que foram feitas muitas e muitas horas excelentes, a batalha que se fez foi extremamente difícil, porém, os nossos soldados foram insignificantes. Entretanto, desde as primeiras horas, os nossos soldados foram feitos muitos e muitos prisioneiros, verificando-se a morte de muitos nazistas. Relativamente ao nosso objetivo conseguido na luta e à duração da mesma, os nossos expedicionários bateram o recorde de número de prisioneiros até agora feitos em um dia. Escoteiros na estrada um caminho cheio de nazistas, que eram conduzidos para a nossa retaguarda.

Vale salientar, também, o papel importante das tropas que faziam guarnição a Vila Castelnuovo a valerosa divisão americana sempre impulsionada para seus objetivos. Duas tropas brasileiras permaneceram na defensiva ativa, enviando constantemente fortes patrulhas que fizeram a maior parte dos trabalhos. Uma das patrulhas surpreendeu um grupo inimigo, matando cinco nazistas e prendendo oito. A operação de grande valor e mais importante foi realizada pelas tropas de montanha americana, que vem desde Bivoneda conquistando e administrando os aliados, sendo feito hoje, verdadeira façanha. Nossa tarefa foi suplementar e muito importante que a de captura de Monte Castelnuovo.

PROGREDINDO SOBRE CAMPOS MINADOS
COM A F. E. B. NA ITALIA, (Retardado — Via Western —) de Egydio Squeff, correspondente de guerra d'O GLOBO — A tropa progrediu sobre campos minados durante as operações levadas a efeito hoje pela F. E. B. Tivemos sete baixas e feridos feridos. O major Orlando Barmann me declarou que foi esta a maior dificuldade encontrada no avanço de suas tropas. Conseqüentemente, mais importante de avanço das brasileiras foi a libertação do vale Formosa, que

era dominado pelos nazistas. O fato impressionante das batalhas de hoje, é o grande número de prisioneiros, sendo considerado a quantidade de nazistas que se renderam pouco depois da chegada à luta. Os norte-americanos capturaram levadas de germânicos, enquanto os brasileiros fizeram em muito menor número. Tinha também adivinhado o nosso objetivo, levando a cabo a missão entre 9 e 10 horas. O número de prisioneiros capturados pelos brasileiros, sob a direção do major Ramagem, foi de 300 e 400 homens, sendo a maioria de nazistas capturados pelos brasileiros. Sobre a duração das operações e do tempo de duração, os expedicionários consideram que os resultados são muito positivos. Os expedicionários estão em franca desagregação. Na batalha de hoje, muitos "super-homens" artilheiros de batalhões estrangeiros de nossas unidades. Esperamos contra-ataques, talvez até mais, como sempre costumam fazer os alemães. Os nossos soldados estão participando das operações ao lado da sua adriática, e que a 10.ª Divisão de Montanha, Indivíduo sistema de deslizar nos soldados germânicos foi verificado nos combates de hoje, acreditando-se que os nazistas não mais poderão conter as últimas defesas, que nos levaram ao vale do Pó.

modificando-se, assim, o panorama estratégico da luta desvantajosa que vinhamos enfrentando. Os brasileiros, não obstante empenhados em combates durante 15 dias, permaneceram de alto moral, vendo boas de tudo ocorrer em face das vitórias contínuas sobre o inimigo. Tudo o nosso "front" está movimentado com as operações em andamento. Acompanhei o ataque, podendo ver os nossos bravos soldados ganharem Soprasasso num trabalho gigantesco.

Anexo C – Texto de Joel Silveira

11 de Março de 1945

O Cruzeiro do Sul

4ª página

A guerra em quatro frentes

NA FRENTE RUSSA: A rádio de Berlim voltou a se preocupar com as atividades da frente de Zúkov que, ao que informa aquela emissora, está em franco desenvolvimento...

Renô, num bolsão de 55 quilômetros. Ao norte, onde a luta é mais violenta, devido à maior resistência inimiga, os britânicos do comando Montgomery ocuparam Xantea...

NA FRENTE OCIDENTAL: Evidentemente teve início a grande ofensiva aliada para o interior da Alemanha. Foi anunciado ontem que um novo Exército americano entrou em ação nessa frente...

NA FRENTE ITALIANA: Os últimos comunicados anunciam que as tropas brasileiras e americanas do 5º Exército estão consolidando as posições recentemente conquistadas na frente de Bologna...

ARTIGOS SOBRE A F. E. B.

O Cruzeiro do Sul transcreverá em todos os seus números crônicas e artigos que os nossos correspondentes de guerra mandam para o Brasil...

Recomendação Especial à tropa

Uma tropa que se conduz com bravura diante do inimigo, precisa também, saber se apresentar decentemente perante seus aliados e a população civil...

Um pracinha Adão vai atrás de mim, os olhos abertos para os campos de minas que ainda não foram retiradas. Como proteção, há apenas compridas fitas brancas banhando os caminhos impossíveis...

CUIDADO COM OS ESPIONES Cuidado com os bailes com que se homenageiam certas famílias. Ali-também poderá estar o agente inimigo que vigia teus passos e não deixa escapar uma só palavra tua.

CASTELNUOVO

Na manhã seguinte à sua ocupação pelos brasileiros

Joel Silveira

— Sim, aqui é Castelnuovo, me diz o segundo sargento José Franco, do 6º Regimento de Infantaria. Pergunto pelo P.C. do Capitão Aldenor...

posto de careense, antes esfogado, está agora pálido, e quando ele me conta a história da conquista de Castelnuovo, sua voz não me chega com o aspero e incisivo sotaque careense: é uma voz de quem pede descanso.

O pracinha Adão vai atrás de mim, os olhos abertos para os campos de minas que ainda não foram retiradas. Como proteção, há apenas compridas fitas brancas banhando os caminhos impossíveis...

Quatro metralhadoras-lourinhas, grandes, uns trinta caixotes de galas, morteiros, bazucas, pistolas, facas e punhais, e tanta coisa mais. E ainda naquele instante os nossos pracinhas continuavam a trazer dos fos-holes e casamatas — havia uma média de quarenta defesas individuais e quinze coletivas espalhadas pela crista e fráguas dos morros...

Um pracinha está lavando os copos e pratos que os alemães deixaram, longas civis requisitados pelos nazistas de qualquer lar que destruíram na sua retirada. O capitão Aldenor aponta-me um grande pedaço de carne nua e sangrenta, alguns quilos de bife vitelão, que não chegaram a ser alçados...

Mais sucesso, no entanto, mais do que os canapets, lourinhas e granadas, são comuns na guerra, fez coleção de fotografias de uma esportiva senhorita de Dresden uma senhorita loura e gordinha, que multiplicou os seus encantos através dos mais extravagantes instantâneos. Quem encontrou as fotos foi o soldado Domingos, da capital paulista, que me disse: — Encontrei-as as belezas em um fos-hole, dentro de uma caixa de binóculo. Achei também outras coisas.

A noite da véspera — longas horas de olhos abertos para o inimigo, os pés enregelados, uma trejeada para o corpo contra o frio, o sono e os morteiros — parece ter envelhecido de cinco ou seis anos o capitão Aldenor. Seu...

Mais infelizmente o pitoresco do pracinha Domingos não pode ser enumerado inteiramente numa crônica: é um rol inconfindável. (Da série «Reportagens na Itália», irradiada pela B.B.C.)

Fomos passar uma dezena de dias com o pessoal do 9º Batalhão de Engenharia, que está representando, com valor, em nossa Força Expedicionária o seu glorioso patrono, O General Vilagrán Cabrera. Uma típica estrada de guerra, que não era ontem sino um pobre atalho, nos leva àquela Unidade. Nos tempos de paz essa estrada, agora perfeitamente transitável, nada mais era que um corte no terreno pelo qual mal passavam os carros de tração animal usados pelos humildes povoadores de uma dessas muitas aldeias italianas que se agarram, num prodígio arquitetônico, nas escostas íngremes e pedregosas dessas morros formadores da maravilhosa cordilheira dos Apeninos...

COM A ARMA DAS COMUNICAÇÕES

batalha da Europa. A letra de seu hino é o maior testemunho de suas glórias. Escrita pelo Major Sadi, ela expressa o orgulho da Unidade em vir participar da luta. «Nos seremos os primeiros engenheiros do Brasil a lutar pela Pátria alem do mar». E de fato, o B.E. não só foi o primeiro Batalhão de Engenharia a honrar as tradições de sua arma na luta, como foi a primeira força brasileira a entrar em ação na Itália. Sua primeira missão foi também a primeira missão de nosso contingente expedicionário. Quando todos ainda estávamos naquele saudos período de recuperação, foi ele encarregado de construir uma ponte nas vizinhanças da linha de frente antes que nossa Infantaria tivesse entrado em ação. Da primeira em chefes aliados, nesse primeiro contato com nossa gente, não deixaram de apresentar seus sinceros elogios. Tendo terminado a construção da referida ponte no dia Sete de Setembro recebeu ela o nome da data de nossa Independência, primeiro marco de nossa ação na Europa...

Unidades de nossa Força Expedicionária que tira um jornalzinho diário. O «Só Pennas», que é minigrafado, se apresentou em sete de dezembro e vem se mantendo com invulgar regularidade. No dia vinte e oito de fevereiro estava ele no quinquagesimo sexto número. O «Só Pennas» é muito interessante. Informa na primeira página as notícias sobre a guerra. Na segunda página apresenta sempre boas colaborações, quem em prosa, quer em verso, e o clássico «azá», charge sobre alguma novidade picante do dia. Suas colaborações de oficiais e praças. Seu diretor é o 1º Sargento Luiz de Melo que muita vez supre a falta de matéria com seus dilatados dotes literários. Do «Só Pennas» são tirados cento e cinquenta exemplares que se espalham pelas diversas companhias empenhadas no fronto com o duro trabalho de engenharia de guerra. Sobre o pracinha da Engenharia ouvimos de seus oficiais as mais elogiosas referências. — O Bloco todo, é bom e trabalhador. O amor que devotam ao B.E. e a sua glória é garantia segura de...

nessa, cumprimento das missões. Cada soldado, sobre ser mineiro, é um especialista. Uns são mecânicos ou marceneiros, outros são tratoristas ou mesmo técnicos em qualquer de nossas atividades. Quer nos trabalhos difíceis e perigosos do «front», sob o fogo mortífero das armas inimigas, lançando minas numa estrada ou numa posição de pouso onde para o tanque inimigo, quer nas pontas horquas de repêso onde para a expectativa de uma nova missão, todos, oficiais e praças, se irmanam no árduo trabalho da engenharia, construindo ou reparando estradas e pontes por onde devem transitar das viaturas que levam a munição para esmagar o inimigo ou o suprimento para o homem mais diretamente empenhado na luta, às ambulâncias que trazem para o socorro hospital aquele que tombou olhando o inimigo de frente. E assim trabalhando sem desanimo, quer de noite, quer de dia, com qualquer tempo e em qualquer lugar, todos estão certos que cumprirão seu dever da melhor maneira possível e esperam, tão só e somente, que seu trabalho e esforço lhes traga com os laivos do triunfo a única glória de não ter faltado com seu auxílio e parcela de dedicação e esforço para a vitória do Brasil.

José Bernardes

Acesso:

http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=735965&pagfis=80

Anexo D - Texto de Raul Brandão

Correio da Manhã
FUNDADOR - EDMUNDO BITTENCOURT
RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 8 DE MARÇO DE 1945

IRRESISTIVEL A ARRANCADA DO III EXERCITO REINICIADA A OFENSIVA EM DIREÇÃO A BERLIM
Chegou ao Reno a 4.ª divisão blindada - Vanguardas de Hodges alcançam os subúrbios de Bonn - Limpam toda a zona entre Rheimberg e Dusseldorf

Paris, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton, na noite de terça-feira, retomou a ofensiva que paralisou a semana de 14 km. em 48 horas...

quatro dias, desde terça-feira, até 14 mil toneladas de bombas foram lançadas sobre as cidades de Bonn, Dusseldorf e Cologne...

HEIL EISENHOWER
Paris, 7 (U. P.). - O Comandante em Chefe do Exército dos Estados Unidos, General Eisenhower, recebeu hoje a mais alta honraria americana...

HA 5 ANOS
Paris, 7 (U. P.). - Hoje, há 5 anos, o Exército alemão foi derrotado na batalha de Stalingrado...

COMUNICADO ALEMÃO
Berlim, 7 (Euzélio de S. P.). - O Exército alemão anunciou hoje a retirada das suas tropas da zona de Bonn...

Diaburg, um dos grandes portos fluviais da Alemanha, em cujas casas já tremulam as bandeiras brancas...

ATIVIDADES AÉREAS
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - Por quase duas horas, os bombardeiros britânicos lançaram ataques contra as estações de energia elétrica...

APENAS A CATELAL
O Exército Alemão, segundo a imprensa americana, não conseguiu avançar além de Dusseldorf...

OS RUSSOS ASSALTAM AS DEFESAS DO ODER VISANDO KUESTRIN E FRANKFORT
Moscou, 7 (Euzélio de S. P.). - Os russos retomaram hoje a ofensiva contra as defesas alemãs do rio Oder...

ALLEN DO DIA
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - O piloto britânico Allen, que se destacou por sua coragem durante a batalha de Stalingrado...

AO LONGO DO KYLL
Paris, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton avançou hoje ao longo do rio Kyll, alcançando os subúrbios de Bonn...

REINICIAÇÃO
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton reiniciou hoje a ofensiva em direção a Berlim...

EMBAIXADOR D'ASTIER RECEBE A IMPRENSA CARIOCA
A França quer ser uma democracia republicana
Paris, 7 (Euzélio de S. P.). - O embaixador francês D'Astier recebeu hoje a imprensa carioca...

BAUDAÇÃO AO "COR-
RIO DA MANHÃ"
Paris, 7 (Euzélio de S. P.). - O embaixador francês recebeu hoje a imprensa carioca...

OS LADROS
Paris, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton avançou hoje ao longo do rio Kyll...

Desenvolve-se sangrento o assalto às posições japonesas em Iwo Jima
Mac Arthur prepara a arremetida final em Luzon
Cebu, 7 (Euzélio de S. P.). - O Exército americano desenvolveu hoje um sangrento assalto às posições japonesas em Iwo Jima...

BOALSA DE ORSEY
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - A bolsa de Londres registou hoje uma queda acentuada...

COLONIA
Paris, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton avançou hoje ao longo do rio Kyll...

OS LADROS
Paris, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton avançou hoje ao longo do rio Kyll...

OS LADROS
Paris, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton avançou hoje ao longo do rio Kyll...

MARINHA BRITANICA
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - A Marinha Britânica registou hoje um sucesso na batalha do Mar do Norte...

CONTINUARÁ LUTANDO
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton continuará a lutar em direção a Berlim...

ASSALTOS POR AMOBILOS
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton continuará a lutar em direção a Berlim...

COMUNICADO RUSSO
Moscou, 7 (Euzélio de S. P.). - Os russos retomaram hoje a ofensiva contra as defesas alemãs do rio Oder...

PRIMEIRA QUINZENA DE
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton continuará a lutar em direção a Berlim...

A 1.ª DIV. ARMA
Paris, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton avançou hoje ao longo do rio Kyll...

COMUNICADO RUSSO
Moscou, 7 (Euzélio de S. P.). - Os russos retomaram hoje a ofensiva contra as defesas alemãs do rio Oder...

ASSALTOS POR AMOBILOS
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton continuará a lutar em direção a Berlim...

COMUNICADO RUSSO
Moscou, 7 (Euzélio de S. P.). - Os russos retomaram hoje a ofensiva contra as defesas alemãs do rio Oder...

PRIMEIRA QUINZENA DE
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton continuará a lutar em direção a Berlim...

A 1.ª DIV. ARMA
Paris, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton avançou hoje ao longo do rio Kyll...

COMUNICADO RUSSO
Moscou, 7 (Euzélio de S. P.). - Os russos retomaram hoje a ofensiva contra as defesas alemãs do rio Oder...

ASSALTOS POR AMOBILOS
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton continuará a lutar em direção a Berlim...

COMUNICADO RUSSO
Moscou, 7 (Euzélio de S. P.). - Os russos retomaram hoje a ofensiva contra as defesas alemãs do rio Oder...

PRIMEIRA QUINZENA DE
Londres, 7 (Euzélio de S. P.). - O III Exército de Patton continuará a lutar em direção a Berlim...

UNIVERSAL
BOLÍGRAFOS E CROMÓGRAFOS DE PRECISÃO
Grande êxito do V Exército
Eleticentismo a participação dos brasileiros, que ocuparam Castelnovo
O avanço brasileiro no front de Castelnovo foi feito pelo bombardeio de fuzis...